



Este volume agrega contribuições situadas num território triangular, cujos vértices são o design, a arte e a cultura.

Trata-se, portanto, de um conjunto inquietante de capítulos, de temas e abordagens bem diversas. A busca de elos entre os capítulos nem sempre é evidente.

Tal circunstância pode ser tomada como problema, é claro, já que os vínculos entre os textos nem sempre é transparente. Mas tal abrangência também pode ser vista como uma ótima oportunidade de marcar uma busca coletiva, multifacetada, de autores com formações e objetos de pesquisa diferentes.

Há, entretanto, um fator de união que merece ser destacado: a preocupação de todos os autores com uma concepção aberta do Design.

Porque a questão central de todos nós é como o Design manterá alguma pertinência

se não ao se deslocar para suas fronteiras mais desafiadoras? Entre outras, as fronteiras da arte e da cultura, ambas capazes de destruir certezas e de desafiar as “especialidades” que há 150 anos produzem – ou tentam produzir – uma fotografia estável do que seria o papel dos designers no campo do capitalismo.

O ponto de partida é uma visão do Design como fruto de múltiplas tensões – encargos, inspirações e exigências. O design é marcado pela por sua própria formação cultural e por seus interesses artísticos. Dialeticamente, seu trabalho e seu pensamento incidem sobre o campo cultural e nas diversas expressões artísticas.

Nesta perspectiva, os textos que reunimos aqui enfrentam também a ideia do designer como indivíduo criador, elemento solitário capaz de encarar por si só os desafios do contemporâneo e o Design como território de ação coletiva, sofrendo múltiplas influências e respondendo às diversas exigências como força que extrapola individualidades.

São tópicos desafiadores, e aquilo que definiremos como fronteiras do Design, a maneira como entenderemos o papel da profissão de Designer definirá o nosso legado.

